

## O LAMPADÁRIO DE CRISTAL DE JERÔNIMO BAÍA E A POESIA CORTESÃ NO SÉCULO XVII<sup>1</sup>

Marine Barbosa Paes<sup>2</sup>, Marcello Moreira<sup>3</sup>.

### RESUMO

A poesia dita de agudeza, produzida sobretudo nos Seiscentos, permeou a prática poética realizada em Portugal nesse período e pode ser encontrada em larga escala nas grandes coletâneas publicadas no século XVIII: “Fênix Renascida” (1746) e “Postilhão de Apolo” (1761). Tal tradição de produção poética levava em consideração a adequação elocutiva ao decoro do gênero e o uso de tropos e figuras como ornato dialético, sobretudo a metáfora, para produzir o efeito de sentido pretendido. Objetivamos aqui apresentar os recursos agudos utilizados por Jerônimo Baía, frade beneditino e cortesão português, nos seis primeiros versos de seu “Lampadário de Cristal”, para verificar o que faz com que este seja o maior exemplo de poesia bem acabada do período, no que se refere à perfeita aplicação do recurso de agudeza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jerônimo Baía, Metáfora, Poesia de Agudeza, Ornato Dialético.

### THE LAMPADÁRIO DE CRISTAL BY JERÔNIMO BAÍA AND COURTLY POETRY IN THE SEVENTEENTH CENTURY

### ABSTRACT

The so-called poetry of wit, produced mainly in the seventeenth century, permeated the poetic practice carried out in Portugal during this period and can be found on a large scale in the great collections published in the eighteenth century: “Fênix Renascida” (1746) and “Postilhão de Apolo” (1761). Such tradition of poetic production took into consideration the elocutive adequacy to the decorum of the genre and the use of tropes and figures as dialectical ornament, especially the metaphor, to produce the intended effect of meaning. We aim here to present the witty resources used by Jerônimo Baía, Benedictine friar and Portuguese courtier, in the first six verses of his “Lampadário de Cristal”, to verify what makes this the greatest example of well-accomplished poetry of the period, with regard to the perfect application of the resource of wit.

**KEYWORDS:** Jerônimo Baía, Metaphor, Poetry of wit, Dialectical Ornament.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob orientação do Prof. Dr. Marcello Moreira.

<sup>2</sup> Discente do curso de Graduação em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: paesmarine@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Pleno de Historiografia e de História Literária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O estudo da produção poética que o século XVII nos legou requer uma análise cuidadosa das preceptivas retórico-poéticas que balizaram as práticas de representação de sua época de circulação, bem como a observação de seu contexto histórico e seus modos de distribuição e recepção. Tais produções ainda são consideradas pela contemporaneidade obscuras ou demasiadamente difíceis, sendo classificadas como herméticas, exageradas e indecifráveis. Isso se dá, sobretudo, pelo fato de ainda se realizar uma leitura anacrônica, num viés romântico, que não leva em consideração os procedimentos adotados em sua produção que, segundo Adma Muhana (2007), produzia testemunhos “comportada[os] em seus decoros de gênero, imitadora dos antigos, programática e repetitiva, decifrável e interessante.”.

Com base nisso, propomos um estudo do “Lampadário de Cristal”, de Jerônimo Baía, levando em consideração os pressupostos apresentados aqui, com vistas a expressar de que modo o frade beneditino cortesão produz uma elocução eficaz, comportada em seu gênero, dotada de uma obscuridade adequada e aguda, como a tradição prescrevia em seu período de produção.

O referido poema está presente na antologia poética “Fênix Renascida ou Obras Poéticas dos Melhores Engenhos Portugueses”, organizada por Mathias Pereira da Silva e publicada entre 1716 e 1728 pela primeira vez, tendo uma segunda edição aumentada e publicada em 1746. A “Fênix Renascida” foi organizada em cinco tomos, estando o nosso poema no terceiro. Por apresentar diversos gêneros, matérias poéticas e versos, essa coletânea ocupa um lugar de relevância para a compreensão da produção dos Seiscentos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A realização do estudo pretendido, conforme apresentamos na primeira seção deste texto, levou em consideração estudiosos contemporâneos da tradição poética dos Seiscentos como João Adolfo Hansen, Marcello Moreira, Adma Muhana, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, entre outros. Estudamos também os usos, no Seiscentos, dos principais retores antigos, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, ao passo que lemos também tratadistas do século XVII sobre a metáfora, como D. Emanuelle Tesouro, Baltasar Gracián, entre outros.

Tais preceptores prescreviam a utilização da metáfora como artifício principal do bem fazer poético, sendo considerada a “Grande mãe de todo conceito engenhoso”<sup>4</sup> conforme apresenta Hansen, por meio de citação de Tesouro. Com

---

4 (TESAURO, 1670, apud HANSEN, 2006, p. 94)

relação à metáfora, Maria do Socorro (2007) afirma: “[...] Aristóteles privilegia claramente a metáfora como o artifício de linguagem que mais proporciona clareza, prazer e vivacidade.” A metáfora é eficiente por propiciar rapidez na relação de conceitos distantes entre si, por meio da comparação sem a prótase da similitude “como”. Assim, a engenhosidade do poeta é evidenciada por meio da capacidade de estabelecer relações entre conceitos muito distantes à primeira vista, o que produz um efeito de sentido que maravilha o público e promove um “aprendizado rápido”, como prescreveu Aristóteles.

As preceptivas retóricas exigiam cálculo dos afetos e elaboração da elocução, admitindo obscuridades virtuosas conforme o gênero. Para Hansen (2006, p. 127), no panegírico as metáforas devem ser mais frequentes e engenhosas, pois pressupõem erudição e ostentação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “Lampadário de Cristal” é classificado como poema demonstrativo-laudatório, em que Jerônimo Baía produz um idílio panegírico dedicado ao príncipe D. Pedro e à esposa D. Maria Francisca Isabel de Saboia. O idílio, segundo Bluteau (1713), é um pequeno poema festivo com narrações alegres, enquanto o panegírico constitui narrativa de exaltação, apresentando a vida do homenageado como bem de família que engrandece sua linhagem (MOREIRA, 2011). Essa produção, no contexto cortesão, demanda elocução aguda, discreta e elevada, adequada ao rigor e à sofisticação intelectual do público. Conforme Hansen (2006), trata-se de texto de fechamento semântico que pressupõe destinatário discreto, dotado de virtudes ético-políticas e de conhecimento retórico, apto a compreender a alegorização hermética e programática que estrutura o poema.

Os seis primeiros versos do poema demonstram a elocução aguda do poeta:

“Alpe luzido, luminar nevado,/Pompa da Régia sala,/ Tesouro no valor,  
brinco na gala,/Onde a matéria vasta a sutil arte/Fazendo ilustre excesso,/O  
preço abate sublimando o preço [...]”. (BAÍA, 2002, p. 211).

Ao relacionar os alpes ao lampadário – que, nesse contexto, é o próprio poema –, apropriando-se da altura comum entre eles, o brilho do lampadário é associado ao sol refletido na neve, denotando a capacidade de colocar a imagem diante do público e promover o efeito de sentido: o maravilhamento. Os cinco versos seguintes exaltam a propriedade ornamental do objeto, relacionando-o a objetos valiosos, como o tesouro, e destacando a relevância da arte sobre a matéria-prima produtora do lampadário.

## CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

A produção poética discutida no presente texto evidencia o efeito produzido pelo uso de metáforas em sua composição e a observância cuidadosa dos preceitos retóricos vigentes em seu período de produção, demonstrando a habilidade do poeta em articular a elocução considerando o efeito desejado sobre o público leitor ou ouvinte. Além disso, conforme o exposto, é perceptível a relevância desse tipo de composição no contexto em que foi produzida, especialmente no ambiente cortesão, em que se valorizava a erudição, a agudeza e a sofisticação da linguagem.

Nesse sentido, o poema “Lampadário de Cristal” revela não apenas a capacidade do autor de estabelecer relações simbólicas entre objetos, pessoas e espaços, mas também de construir efeitos de sentido que maravilham. Trata-se, portanto, de um exímio exemplo da poesia cortesã do século XVII, em que o panegírico, o idílio e a observância das normas retóricas convergem para produzir um discurso ao mesmo tempo adequado, agudo e direcionado a um público intelectual, capaz de compreender a sutileza da alegorização. Essa análise permite compreender melhor as produções do período, bem como a função social e cultural da poesia, evidenciando a importância de se considerar o contexto de recepção e os padrões de apreciação da época para uma interpretação menos anacrônica das produções Seiscentistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário das línguas Portuguez e Latina**. Lisboa: 1713.
2. CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de agudeza em Portugal: Estudo retórico da poesia lírica e satírica escrita em Portugal no século XVII**. São Paulo: EdUSP, 2007.
3. HANSEN, João Adolfo. **Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII colonial**. In: **Floema: Caderno de Teoria e História Literária**, v. 2, n. 2, p. 111-131, out. 2006.
4. MOREIRA, Marcello. **O louvor ao Marquês de Marialva: um estudo sobre o panegírico**. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 88, p. 183-192, dez. 2010.
5. PÉCORA, Alcir (org.). **Poesia seiscentista: Fênix renascida & Postilhão de Apolo**. São Paulo: Hedra, 2002.